



A ESTRATÉGIA NAVAL SOVIÉTICA

João Alfredo Poeck

Capitão-de-Corveta, declarado Guarda-Marinha em 1958 e promovido ao posto atual, por merecimento, em agosto de 1972. Possui os cursos de Operações Psicológicas (Fort Bragg - EUA), Informações (Cat "B"), ESAO, Avançado de Operações Anfíbias, e de Comando e Estado-Maior da Escola de Guerra Naval.

Exerceu comissões no Batalhão Riachuelo, Núcleo da 1ª Divisão de Fuzileiros Navais, Base Aero-Naval de São Pedro D'Aldeia, Conselho de Segurança Nacional, Comando Geral do CFN, e Escola Nacional de Informações.

Tem diversos trabalhos publicados nas Revistas do Clube Naval, "O Anfíbio" e Coletânea "L" da ESNI.

1 — ABORDAGEM

Sobre o tema proposto é normal encontrar-se o enfoque geopolítico, que explica o expansionismo do Estado autocrático soviético, assim como o enfoque ideológico, que conclui ser essa estratégia naval um dos instrumentos para a implantação da doutrina marxista-leninista sobre todo o planeta. Outros há que preferem interpretar o fenômeno como sendo a resultante de um jogo de poder no interior do aparelho militar soviético, em função da vontade e prestígio do chefe e líder naval há mais de 20 anos, o Almirante-de-Esquadra Sergei G. Gorshkov, que conseguiu alçar a sua Força ao nível de potência mundial, como já o eram o Exército e a Força Aérea.

Na vasta bibliografia é comum, também, encontrar-se a quantificação desse poder naval, com dados realmente impressionantes quando comparados com o poder naval dos EUA.

Todos esses fatores... e mais um. Para tal assertiva inspiramo-nos no excelente livro "A Ofensiva Naval Soviética", do Almirante (RFA) Edward Wegener, que afirma: "Sob os auspícios do impasse nuclear, onde a política exterior exclui a possibilidade da guerra, as estratégias psicológicas transformaram-se na arma principal da política exterior soviética".

Como entendemos ser correto o ensinamento de Mestre Toynbee de que a História é a moldadora do presente, identificaremos, de início, aqueles marcos históricos que exerceram decisiva influência no pensamento naval soviético: Tsushima, a Revolução de Outubro de 1917, a II Guerra Mundial e a Crise dos Mísseis em Cuba.

2 — TSUSHIMA

"... o capelão recitou as orações às pressas, a sua mente certamente longe dali. Os rostos da guarnição demonstravam amargura... Para encerrar, todos cantaram em voz baixa 'Vida longa para o Tzar' e se dispersaram... (marinheiro russo a bordo do Encouraçado "Orel", horas antes da batalha)".

Pedro o Grande, fundador da marinha russa, ao falecer em 1725, deixou um legado: a idéia de que o isolamento marítimo não é compatível com o grande destino do império.

Mas a mentalidade continental, decorrente da geografia, impôs-se e, no decorrer da época dos Tzares, considerava-se que as águas circundantes eram zonas inacessíveis sobre as quais seu poder militar terrestre poderia firmemente se apoiar.

Essa estratégia, que afetou profundamente a Marinha nos séculos seguintes, culminou finalmente no desastre da guerra com o Japão. Comandando a esquadra do Báltico, o inexperiente Almirante Rodjdestvensky, favorito do Tzar, seguiu com destino a Porto Arthur para dar batalha à esquadra do Almirante Togo. Sem adestramento e sem vontade de lutar, a força chega ao estreito de Tsushima, entre a Coréia e o Japão. O anticlímax ocorre a 27 de maio de 1905, com a destruição total dos navios de linha russos, 5.000 mortos, 10.000 feridos e o Almirante aprisionado.

— Que lições ficaram dessa derrota histórica, a última batalha decisiva? É concebível crer-se que a Marinha soviética, em que pese o silêncio oficial e a aversão do estigma czarista, considere Tsushima uma nódoa, oculta sob a capa ideológica, mas existente: nunca mais chefes incompetentes; nunca mais guarnições sem adestramento; construir esquadras para cada mar ou oceano; manter o Domínio do Mar onde necessário, e, principalmente, exibir a bandeira! A nova imagem deve apagar a do passado.

O próximo marco, o ponto de inflexão político, será a Revolução de Outubro, o golpe bolchevique de 1917.

3 — A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

"A guerra é uma parte do todo, e esse todo é a política". (V. I. Lenin).

Durante a I Guerra Mundial as forças navais russas estiveram empenhadas, praticamente, em ações de minagem. A estratégia era meramente defensiva, a esquadra tornara-se inativa.

Os agitadores começaram seu trabalho. Quando a revolução irrompeu em Petersburg, em março de 1917, cerca de 120 oficiais czaristas foram assassinados. Em outubro, o cruzador "Aurora" bombardeou os redutos mencheviques, contribuindo para a vitória de Lenin.

O radicalismo na Marinha, no entanto, foi brutalmente liquidado anos mais tarde, em 1921. Os marinheiros "ousaram" reivindicar liberdade de palavra e de reunião... o próprio Lenin, implacavelmente, acabou com a revolta, exterminando todos os líderes. O comunismo não tem tolerância nem admite divergência...

Trotsky favorecia a "Velha Escola" da Marinha, influenciada pelas idéias de Mahan e desejosa de esquadras oceânicas com grandes navios de linha. Com seu expurgo, em 1924, surge a "Nova Escola" liderada por Mikhail Frunze, adepta da "Jeune École" de Aube. Esta nova corrente introduziu a "doutrina militar proletária" na Marinha, o que redundou, na prática, pela definição do submarino como o elemento principal da estratégia naval soviética até o final da era stalinista.

Nos anos seguintes não houve propriamente uma estratégia naval, houve a estratégia do Partido. Nas suas escolas começava-se a formar a nova geração marinheira: milhares de jovens Konsomóis foram recrutados.

A Revolução de Outubro deixou, por conseguinte, esta marca indelével na nova Marinha soviética: reorganização dos quadros a partir da origem partidária e cuidadoso controle das lideranças navais pelo Comitê Central do PCUS.

O próximo marco virá com a invasão dos exércitos de Hitler, em 22 de junho de 1941.

4 — A II GUERRA MUNDIAL

"A Esquadra Vermelha é a verdadeira ajudante do Exército Vermelho" (J. Stalin).

Ao romper a guerra, alguma coisa já havia sido feita. Por exemplo, a URSS tinha mais submarinos que qualquer outra marinha do mundo. Entretanto, era uma força apenas em número. Carecia de experiência e de uma adequada doutrina. Essa força logo desapareceu sob o impacto das minas e dos bombardeiros de mergulho alemães. Prevaleceu, então, a estratégia continental.

O Almirante Isakov, então Chefe do Estado-Maior, escreveu que "a mais importante tarefa realizada pela nossa Marinha, em todas as águas soviéticas, foi proteger os flancos estratégicos do Exército Vermelho, estendidos desde as costas".

Uma consequência operativa dessa fase, em que a Marinha recebeu várias missões de assaltos anfíbios, foi a criação do embrião dos fuzileiros navais (morskaja pekhota) que asseguravam as cabeças-de-praia mediante o desembarque à viva força (vysadka), abrindo caminho para os efetivos maiores do Exército.

A terrível experiência da II Guerra Mundial forjou uma nova Marinha. A partir daí procurará ela, gradativamente, uma nova posição no aparelho militar, na tentativa de impor uma estratégia naval de longo raio de ação, desvinculada da mentalidade continental de Stalin.

Em 1955, o ousado comandante naval das operações anfíbias no Mar de Azov, Almirante Sergei G. Gorshkov, foi escolhido para Comandante-em-Chefe. É ele um membro proeminente do PCUS.

Sua chance definitiva de impor as idéias da "grande Marinha soviética" surgiu em 1962, após a crise dos mísseis em Cuba. Apesar da aparência de derrota, esse marco é fundamental para a compreensão da atual estratégia naval soviética.

5 — A CRISE DOS MÍSSEIS EM CUBA

"Os russos empregam aquilo que seus admiradores denominam dupla estratégia: tanta agressão quanto possível e tanta 'détente' quanto necessário. Se enfrentados, recuam imediatamente, mas estão permanentemente tentando, para ver o quanto da vontade ocidental de resistir foi por eles amolecida" ("Muenchener Merkur", 2/3/73).

Em meados de outubro de 1962, aviões de reconhecimento dos EUA fotografaram rampas de mísseis balísticos de alcance médio em Guanajay, San Cristobal e Remedios, na parte ocidental de Cuba.

O fato ocasionou a mais séria crise já havida na era nuclear. Os mísseis, obviamente, eram ofensivos, e a ameaça direta aos EUA rompia o *status quo* estabelecido entre as duas superpotências mundiais.

O "The New York Times Magazine", assentada a poeira dos eventos, assim analisou esse perigoso lance da estratégia soviética: "Krushev estudou os acontecimentos da Baía dos Porcos; ele teria compreendido se Kennedy tivesse deixado Castro em paz ou o tivesse destruído. Mas, se o recém-empossado Presidente fora bastante audacioso para atacar Cuba mas não suficientemente firme para levar a cabo a operação, então, Krushev concluiu, estava lidando com um jovem líder inexperiente, que poderia ser intimidado ou chantageado. A decisão comunista de instalar mísseis ofensivos em Cuba foi o lance final de um jogo baseado nessa concepção" (15 nov 64).

Mas Krushev enganara-se. Kennedy tomou a decisão histórica; determinou o "bloqueio" naval de Cuba, na realidade uma interposição. Singrando o Atlântico

25 mercantes russos, sem escolta, alguns com mísseis desmontados no convés, aproximavam-se. Um foi abordado, os outros inverteram rumo. A saída honrosa, prevista pelo estadista Kennedy, acabou sendo aceita. As bases foram desmanteladas, à revelia de um esbravejante Fidel Castro.

O jogo acabou e o mundo respirou aliviado. E na Marinha soviética, o que teria ocorrido? Talvez jamais se saiba exatamente, mas a lição fora didática demais: sem suficientes meios de confrontação e sem Domínio do Mar quando necessário, não se deve estender as linhas de comunicações. Gorshkov, o velho almirante, já sabia há muito tempo o que queria. Agora, saberia como argumentar.

6 — A MARINHA DE GORSHKOV

"Qualquer lugar do planeta pode agora ser alcançado pela nossa marinha. Os submarinos nucleares podem estar em missão durante todo o tempo necessário e os fuzileiros navais têm atualmente grande mobilidade". (Alte Gorshkov, "Pravda", fevereiro de 1978.)

Em sua longa carreira o Almirante Gorshkov demonstrou ser um incansável organizador, um renitente marxista-leninista e um estudioso de Mahan, com larga visão estratégica.

A sua Marinha, ele basicamente a organizou em uma Força Estratégica com 82 submarinos (62 nucleares) armados de 909 mísseis balísticos intercontinentais, e em 4 grandes Esquadras: a do Norte (110 submarinos, 50 navios de superfície de grande porte, 1 Regimento de FN); a do Báltico (35, 50, 1); a do Mar Negro (20, 60, 1) e a do Pacífico (70, 60, 2). A aviação naval conta com 662 aviões de combate e os fuzileiros navais contam com 1 Batalhão de Carros de Combate. São ao todo 450.000 homens (incluindo os 50.000 da aviação naval, 12.000 fuzileiros navais e 10.000 da artilharia de costa/baterias de foguetes).

Observa-se em tais dados, extraídos do "The Military Balance 1977/1978", a predominância de submarinos nucleares na Força Estratégica, de submarinos convencionais de ataque no Ártico, de navios de grande porte no Báltico, Atlântico Norte, Mar Negro e Mediterrâneo (refletindo o confronto OTAN x Pacto de Varsóvia), havendo equilíbrio no Índico e Pacífico, com o dobro de Forças de Desembarque nesta última Esquadra. Tal correlação de forças nos permite inferir um certo padrão de concepção estratégica naval para cada possível Teatro de Operações.

O seu pensamento, Gorshkov o delineou em dois livros bastante conhecidos: "As Marinhas na paz e na guerra" (1973) e "O Poder Marítimo e o Estado" (1976). Como comunista, emprega a abordagem marxista, particularmente o método dialético, onde vê a relação entre o poder marítimo e o Estado num contínuo suceder de ações no mar e de reações dos Estados, as teses e as antíteses gerando novas situações que sempre resultam num crescente poder marítimo. Nesse contexto Gorshkov é vulnerável, pois pode suscitar rivalidades internas, uma vez que a sua Marinha teria um papel preponderante na condução da estratégia do PCUS, único responsável pela direção do Estado soviético.

A sua visão estratégica é nitidamente influenciada por Mahan. O Domínio do Mar, para Gorshkov, compreende mais dois importantes conceitos: a ameaça nuclear estratégica no mar e as posições geoestratégicas navais. Com os submarinos nucleares permanentemente em condições de desfechar a resposta dos mísseis balísticos intercontinentais "Delta" e as bases no Báltico, Oceano Ártico, Mediterrâneo, Mar Negro, Atlântico Sul, Índico, Golfo Pérsico e Pacífico, o poder naval soviético define a sua clara postura estratégica, na atual conjuntura, de resposta flexível e de deterrence estável. O que representa um interessante retorno da "Velha Escola", com nova feição ideológica.

O que deseja Gorshkov para o futuro? Pelos seus escritos e pela sua obra, certamente uma Marinha superior à dos EUA, lá onde o ditar a estratégia expansionista da URSS. Para tal, necessitará de um maior potencial submarino capaz de lançar mísseis estratégicos e de mais forças navais balanceadas, capazes de durar na ação em áreas longíquas, seja para confrontação naval, seja para a projeção do poder naval em terra. Para reunir esse enorme poderio terá, ainda, que vencer fortes resistências no interior da própria cúpula militar soviética. Conseguirá isso, nos últimos anos de seu comando? Muito dependerá de sua credibilidade pessoal no seio do Partido.

7 — CONCLUSÃO

Temos agora um quadro, muito resumido, mas que apresenta alguns traços bem nítidos. Compreender-se-á a atual estratégia naval soviética visualizando a sua clara definição pelo não isolamento marítimo e pela conseqüente construção e manutenção de forças balanceadas, bem adestradas, nas áreas vitais para o Domínio do Mar. Dever-se-á entender, também, que estará sempre sob a orientação do Partido totalitário que a domina, com um rígido controle ideológico através das lideranças navais.

Todos esses fatores... e mais um. A inibição psicológica implícita na deterrence exerce notável fascínio sobre a mentalidade soviética, que sempre considerou a propaganda e a intimidação da guerra psicológica como um dos mais eficientes instrumentos do sistema comunista. E, na atual década, a Marinha soviética é, sem dúvida, um dos principais vetores da política exterior da URSS. Assim, demonstrações de força são tarefas que realizará sempre que for oportuno aos desígnios do PCUS.

Como bem observou o Almirante Wegener quanto à presença marítima soviética no além-mar: "Sob o ponto de vista da estratégia naval, ela tem valor apenas quando pode conduzir ao Domínio do Mar em tempo de guerra. Este é o caso do Mediterrâneo e da parte norte do Oceano Índico. Em todas as outras áreas o efeito tem uma dimensão psicológica em vez de uma dimensão naval estratégica; os soviéticos dão uma demonstração de poder que desaparecerá no momento da verdade. Ainda assim, os efeitos políticos de uma tal presença não devem ser subestimados".

Concluindo, além de todos os aspectos abordados, em qualquer análise sobre a atual estratégia naval soviética deverá ser considerado mais esse fator: o uso intencional da marinha como meio de propaganda política, em apoio à paulatina tentativa da URSS de conquistar novas posições no jogo do poder mundial.

BIBLIOGRAFIA

1. TOYNBEE, Arnold J. "A Study of History". Londres: Oxford University Press. 1954. V. IX.
2. WEGENER, Edward. "A Ofensiva Naval Soviética". In: *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro. 3º e 4º Tr. 1977; 1º Tr. 1978.
3. BRUCE, George. "Sea Battles of the 20th Century". Londres, Hamlyn Publishing Group Ltd. 1976. p. 7-21.
4. SUMNER, B. H. "Pedro o Grande e o Despontar da Rússia". Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1963. p. 179-180.
5. BRASIL Ministério da Marinha. "Estratégia Naval Soviética". Estado-Maior da Armada. Informação Especial nº 2. 1963.
6. ELLER, Ernest Mc Neill. "The Soviet Sea Challenge". EUA. Cowles Book Co. Inc. 1971. p. 82-85.
7. MC INNIS, Edgar. "História da II Guerra Mundial". Porto Alegre, Editora Globo. 1956. Vol. I-VI.
8. GARTHOFF, Raymond L. "Doctrina Militar Soviética". Madrid, Aguilar, 1956.
9. BREYER, Siegfried. "Guide to Soviet Navy". Annapolis, EUA. United States Naval Institute. 1970.
10. HERRICK, Robert W. "Soviet Naval Strategy". Annapolis, EUA. United States Naval Institute. 1968.
11. ABEL, Elie. "The Missile Crisis". EUA. J. B. Lippincott. 1966.
12. WATSON, Bruce W. "Comments on Goshkov's 'Sea Power of the State'", In: United States Institute Proceedings, Annapolis, EUA, Abril 1977. p. 41-47.
13. THOMSON, William H. "Comment and Discussion on B. W. Watson's 'Comments on Goshkov's Sea Power of the State'", In: United States Naval Institute Proceedings, Annapolis, EUA, Dezembro 1977. p. 80-81.
14. GARGIULO, Giovanni. "Tese sobre a Estratégia Naval Soviética". Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro. 1970.
15. BRASIL Escola Nacional de Informações. "Propaganda do MCI". Brasília. 1976.